

## EU AINDA SOU CRIANÇA: EDUCAÇÃO INFANTIL E RESISTÊNCIA

**I am still a child: childhood education and resistance**

Anelise Monteiro do **NASCIMENTO**  
Departamento de Educação e Sociedade  
Instituto Multidisciplinar  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Nova Iguaçu, Brasil  
[anelise.ufrjr@yahoo.com.br](mailto:anelise.ufrjr@yahoo.com.br)  
<https://orcid.org/0000-0003-4911-8301> 

Amanda Pontes **FIGUEIREDO**  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Nova Iguaçu, Brasil  
[amandapfinfo@gmail.com](mailto:amandapfinfo@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0003-1443-6908> 

Welton da Conceição **LINO**  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Nova Iguaçu, Brasil  
[wleton.lino@gmail.com](mailto:wleton.lino@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-2074-9778> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 



SANTOS, Maria Walburga dos; TOMAZZETTI, Cleonice Maria; MELLO, Suely Amaral (org.). **Eu ainda sou criança: educação infantil e resistência**. São Carlos: EdUFSCAR, 2018.

## RESUMO

O livro **Eu ainda sou criança: educação infantil e resistência** (2018), publicado pela editora EdUFSCAR, organizado por Maria Walburga dos Santos, Cleonice Maria Tomazzetti e Suely Amaral Mello, apresenta ao leitor uma amostra das discussões realizadas durante o VII Congresso Paulista de Educação Infantil (COPEDI) e o III Seminário Internacional de Educação Infantil, que ocorreram em 2015 na Universidade Federal de São Carlos. As discussões pautadas nesses encontros resultaram na produção deste livro, que trata de temáticas relevantes para a ampliação das discussões sobre concepções de crianças, infâncias e educação infantil. A obra abrange os aspectos mais atuais do campo, com textos que vão desde as demandas da educação infantil brasileira, até ao direito das crianças à vivência plena da infância com qualidade em ambientes educacionais que respeitem suas especificidades e diferenças.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil. Formação de professores. Infância. Pesquisas. Crianças.

## ABSTRACT

The book **Eu ainda sou criança: educação infantil e resistência** (2018), edited and published by EdUFSCAR, organized by Maria Walburga dos Santos, Cleonice Maria Tomazzetti and Suely Amaral Mello, presents a brief sample of the discussions held during the VII Congresso Paulista de Educação Infantil (COPEDI) and the III Seminário Internacional de Educação Infantil, which took place in 2015 at the Federal University of São Carlos. The discussions based on these meetings resulted in the production of this book. It deals with relevant themes for the expansion of discussions on the conceptions of children, childhood and early childhood education. This book also addresses the most current aspects of the area, with texts that range from the demands of Brazilian child of preschool education, to the right of children to fully experience childhood, with quality in educational environments and that respect their specificities and differences.

**KEYWORDS:** Early Childhood Education. Teacher training. Childhood. Researches. Children.

## RESENHA

O momento atual apresenta grandes desafios para as pesquisadoras da educação infantil, especialmente após a promulgação da Lei 12.796/13 que alterou a LDB 9.394/96, tornando obrigatória a pré-escola e instituindo uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que normatiza o trabalho pedagógico desde a creche. Embora tenha como princípios as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2010), a BNCC, em seu texto final, abandona as interações e brincadeiras como eixos estruturantes da educação infantil e fragmenta o desenvolvimento infantil, por meio de conteúdos progressivos de aprendizagem que inibem as vivências de crianças, à medida que apressam a introdução de conteúdos escolares e abreviam experiências infantis formadoras da personalidade humana, como a curiosidade, a brincadeira e a experimentação.

É sobre essas e outras questões que versa o livro **Eu ainda sou criança: educação infantil e resistência**, publicado em 2018 pela editora EdUFSCAR, que tem Maria Walburga dos Santos, Cleonice Maria Tomazzetti e Suely Amaral Mello como organizadoras.

O livro é resultado das discussões e reflexões realizadas durante as palestras e conferências do VII Congresso Paulista de Educação Infantil (COPEDI) e III Seminário Internacional de Educação Infantil, que aconteceram na Universidade Federal de São

Carlos em novembro de 2015. Os dois eventos são considerados marcos históricos por reunirem estudantes, professoras, profissionais da educação, pesquisadores da área e demais interessados no espaço de uma universidade pública como o objetivo de discutir direitos, políticas públicas para as infâncias e para a educação infantil; e seus desdobramentos.

A obra é uma coletânea, estruturada numa apresentação redigida pelas organizadoras, que situa o(a) leitor(a) quanto ao tema, apresenta os pontos centrais de cada artigo e explicita a contribuição de cada um deles para o tema central da obra. O prefácio escrito por Célia Regina Serrão e Maria Letícia Nascimento, situa o lugar histórico da COPEDI como espaço político, de lutas, resistências, diálogo e pluralidades das demandas conjunturais que se apresentam à educação infantil, desde 1998, ocasião do I COPEDI, que tinha como proposta a discussão da integração da educação infantil no sistema nacional de educação sem que se perdesse a especificidade da infância nas políticas. A sétima edição, que resultou nessa coletânea, tratou dos lugares das infâncias na educação e nas lutas políticas, contando ainda com a introdução de um novo eixo temático: *infâncias, crianças, diversidades e diferenças*.

Além da apresentação e do prefácio, o livro é composto por duas seções especiais com dois artigos: o primeiro, intitulado "O educar como lugares de infância na educação infantil", Tizuko Kishimoto ressalta que o lugar de brincar na infância nem sempre esteve presente nas práticas de educação infantil, já que essas se dividem predominantemente entre abordagens higienistas e assistencialistas ou reprodução das práticas do ensino fundamental. Com o objetivo de um resgate histórico do respeito à infância no século XX e as inalteradas práticas pedagógicas, a autora descreve uma entrevista concedida, em 1983, por Alice Reis – professora do jardim de infância desde a década de 1920. A autora ressalta o quanto as práticas da professora possibilitam uma reflexão sobre as leis que avançam e as práticas que continuam inalteradas, chamando atenção para os modelos dos países europeus, onde as mudanças ocorrem na práxis para que, somente depois, sejam feitos os arranjos legais. No segundo texto desta subseção, a professora Márcia Aparecida Gobbi faz uma "Homenagem aos 80 anos dos Parques Infantis e ao poeta Mário de Andrade" pela passagem do poeta e sensibilidade na gestão do Departamento de Cultura da cidade de São Paulo entre os anos de 1935 e 1938.

A coletânea segue apresentando os cinco eixos centrais da publicação, o primeiro: "Políticas Públicas para a Educação Infantil e para a Infância", o segundo: "Tempos, espaços, relações e infâncias: bases epistemológicas", o terceiro: "Formação

docente”, o quarto: “Práticas pedagógicas: culturas infantis e produção cultural para e com os bebês e as crianças” e o quinto: “Infâncias, crianças, diversidade e diferenças”. Neles estão textos que dialogam com abordagens referentes à educação infantil, infâncias, desenvolvimento da criança, direitos, diversidades e diferenças, políticas públicas, práticas pedagógicas e formação docente.

Na seção final, escrita pelas organizadoras da coletânea, são tematizadas as “Questões candentes na educação infantil: porque as crianças ainda são crianças”. Por fim, a compilação conta com uma breve apresentação das trajetórias acadêmicas das organizadoras e dos(as) autores(as), totalizando 398 páginas.

**O Eixo 1, “Políticas Públicas para a Educação Infantil e para a Infância”,** é composto por três textos. No primeiro, “Avaliação e educação infantil”, Silvia Helena Vieira Cruz apresenta as diferenças entre a avaliação na educação infantil e a avaliação da educação infantil. Para a autora a primeira diz respeito às estratégias utilizadas no interior das instituições que têm como foco as crianças, enquanto a avaliação da Educação Infantil toma como objeto a instituição que oferece essa etapa da educação. Cruz acrescenta que tanto a avaliação das crianças, como a dos contextos educacionais ou das políticas públicas da Educação Infantil é realizada a partir de escolhas que são feitas com base em posições ideológicas, concepções, interesses etc., referências que podem mudar de um contexto para outro. O segundo, escrito por Peterson Rigato da Silva, Fernanda Cristina de Souza e Renata Cristina Dias, possui como título “Os direitos das crianças pequenas: do silêncio ao grito”. Os autores defendem que a escuta atenta das vozes de bebês e de crianças pequenas constitui-se em uma valiosa e potente fonte de conhecimento para as(os) adultas(os) atentas(os) de como subverter a ordem dominante, encontrando e criando espaços de autonomia em que as relações de poder podem ser confrontadas, desconstruídas e desnaturalizadas. O terceiro texto, “Dissonâncias epistêmicas: políticas públicas para a educação infantil, currículo e diferenças”, de Elina de Macedo, Flávio Santiago, Solange dos Santos e Ana Lúcia Goulart de Faria, trata de outro tema que ganha espaço no cenário atual, pois lança mão das epistemologias do Sul como proposta de descolonizar o pensamento e construir conhecimentos a partir das realidades particulares vividas ao sul do mundo. O texto apresenta a discussão a respeito da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), elucidando que um currículo, ou um núcleo curricular comum, leva a pensar nos processos de colonização e de como os discursos e concepções de infância circulam, trazendo, ainda hoje, a “criança genérica” e a-histórica.

**O Eixo 2, “Tempos, espaços, relações e infâncias: bases epistemológicas”,** possui três textos. O primeiro artigo intitulado “A apropriação da cultura e o desenvolvimento psicológico: contribuições da psicologia histórico-cultural para educação infantil”, escrito por Maria Eliza Mattosinho, e discute as contribuições da psicologia histórico-cultural para a educação infantil a partir da relação entre a apropriação da cultura e o desenvolvimento psicológico. A autora destaca o papel do brincar e a complexidade do trabalho docente, que precisa compreender as bases teóricas em campos como psicologia, sociologia, didática e metodologias para a organização de vivências que potencializam o desenvolvimento cultural das crianças. No segundo texto, “Geografia da infância, espaços desacostumados e mapas vivenciais”, Jader Lopes convida o leitor a pensar sobre o papel da Geografia da infância, seus postulados, referenciais teóricos e metodológicos, “desacostumando” o olhar dos ditames da Geografia adultocêntrica. Completando o eixo 2, Zoia Prestes e Claudia Santana escrevem o texto “A teoria histórico-cultural como uma possibilidade para os estudos do desenvolvimento da criança”, discutindo os conceitos de atividade-guia e vivência, elaborados por Vigotski. Buscam, portanto, enfatizar a compreensão do caráter histórico e cultural do desenvolvimento humano na infância.

**O Eixo 3, “Formação docente”, dispõe de três textos. No primeiro artigo, “A arte da formação docente”,** Silvia Sompolski reflete sobre o tema a partir da sua experiência pessoal como criança e com crianças pequenas de sua família, partindo do conceito de “experiência” – pessoal, compartilhada, e ainda, a que vem com a formação inicial e permanente –, apresentando dois dilemas sobre o trabalho de formar educadores. O primeiro, o acesso à cultura, diz respeito ao compromisso do professor com o saber e com a arte. Para essa explanação, a autora enfatiza a importância do empoderamento da cultura local, próxima das crianças que entram na escola, mas também o acesso a teatros e concertos. Questionamentos, como “que condições formativas são oferecidas a essas(es) professoras(es)?” norteiam este trabalho e conduzem ao segundo dilema: a escuta ativa como compromisso docente. No segundo texto, “O ‘contextualismo’ como possibilidade na formação profissional docente”, a professora Mônica Pinazza apresenta um relato sobre a formação continuada de professoras(es) por meio da parceria entre uma equipe de pesquisa da universidade e um Centro de Educação Infantil (CEI) da rede pública do município de São Paulo, no período entre 2005 a 2009. A formação continuada foi concebida no âmbito de uma investigação-ação e fundamentada teoricamente no conceito de professor investigador e de práxis educacional. Pinazza traz o conceito de ecologia do desenvolvimento

humano para pensar os processos de formação de maneira que integre os contextos vivenciais da profissão aos princípios e propósitos formativos. Durante o texto, a autora registra e sistematiza as experiências dos grupos de estudos “Formação Profissional e Práticas de Formação em Contextos” e “Contextos Integrados de Educação Infantil – Formação de Professores” elencando seus propósitos formativos, sua perspectiva teórica, as questões das práticas trazidas pelos profissionais, as estratégias metodológicas e avaliativas. No terceiro texto, “Formação continuada: o exercício do encantamento”, Beatriz Boriollo, na função de diretora da creche e da pré-escola da Universidade de São Paulo (USP) em São Carlos, apresenta o processo de formação docente em serviço, o qual se constitui em meio ao contexto histórico e à realidade social em que os autores estão inseridos. O texto de Boriollo é um testemunho dos 30 anos de memória da instituição e da história de dificuldades e conquistas da educação infantil brasileira.

**O Eixo 4, “Práticas pedagógicas: culturas infantis e produção cultural para e com os bebês e as crianças”** é composto por seis textos. O primeiro, escrito por Erika Chokler, discute o “Protagonismo na pequena infância”. Chokler, da Rede Pikler Nuestra América, apresenta as contribuições da pediatra Emmy Pikler para a educação dos bebês. Dando destaque ao pensamento humanista, a autora afirma a importância de os adultos observarem mais as crianças e intervirem menos em suas atividades. Encerra o texto fazendo um convite aos profissionais da educação, para que reflitam sobre suas escolhas ao se relacionarem com as crianças pequenas. No segundo texto, “Infância, corpos e movimentos: educação infantil, imagens e pesquisa com crianças”, César Donizetti Leite apresenta o trabalho que tem desenvolvido com a produção de imagens feitas por crianças e professores de educação infantil. Além do convite à pesquisa e ao trabalho com crianças pequenas, o autor traça um desafio à criação e à produção de novas possibilidades de olhar a infância. No terceiro texto, “Protagonismo infantil, pequena infância e docência na educação infantil”, Gabriela Guarnieri de Campos Tebet propõe uma reflexão a respeito dos conceitos de protagonismo infantil e de pequena infância. Segundo a professora, a noção de protagonismo na pequena infância impacta a nossa relação cotidiana com as crianças na educação infantil, pois passamos a olhar diferentemente para o bebê e para as crianças quando entendemos que essa pessoa com a qual trabalhamos é um ser protagonista, é um ser autônomo, é um ser com ação social. O quarto artigo, escrito pelas pesquisadoras Maria Isabel Pedrosa, Melina Pereira e Mayara de Mello, possui como título “Brincar por brincar: o espaço de criação, apropriação e conquistas na

educação infantil”. Neste artigo, as autoras defendem que brincar por brincar é a garantia do espaço de criação, de apropriação do mundo, de construção de processos psicológicos relevantes, de incentivo a grandes empreendimentos coletivos infantis, de aprendizagens e aquisições, de deleite e de satisfação pessoal e social. O quinto texto, “Uma docência sem autoria: o uso do livro didático na educação infantil”, de Carolina Gobbato, Crisliane Boito e Maria Carmen Barbosa, trata-se do recorte de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida pela análise de conteúdo da coleção do livro A, dividida entre Educação Infantil I e Educação Infantil II, destinada a crianças de 4 e 5 anos de idade. As autoras tecem críticas sobre a limitação da autonomia na relação entre professoras(es) e crianças nas vivências e experiências capazes de construir conhecimentos, já que esses materiais sugerem, em seu uso, uma rotina engessada. Os livros didáticos na educação infantil, ao fragmentarem as áreas do conhecimento por disciplinas, reduzem as relações das crianças com as linguagens e impedem que estas aprendam com suas práticas cotidianas por meio das interações e brincadeiras. Fechando o eixo 4, o sexto texto, escrito por Maria Auxiliadora de Farias e Suelly Amaral Mello, intitulado “Infância livre infância: uma experiência de cuidado e educação na escola da infância”, discute a possibilidade de constituição de uma cultura de educação infantil que acolha e sustente práticas promotoras do desenvolvimento livre das crianças, independentemente de sua origem e situação de classe. As autoras, no decorrer do texto, elegem dois pilares fundamentais para o fazer educação infantil. Primeiro, uma relação de parceria e participação ativa entre as famílias e a unidade. O segundo trata do espaço e do tempo livre da criança, que deve estar organizado com a riqueza de materiais e de projetos que partam dos seus interesses.

**O Eixo 5, “Infâncias, crianças, diversidade e diferenças”,** possui sete textos. O primeiro artigo, escrito por Anete Abramowicz, Ione Jovino e Elianne Cavalleiro apresenta “Um debate sobre a representação e o protagonismo da criança em imagens” e é resultado de uma mesa-redonda que ocorreu no VIII Congresso Paulista de Educação Infantil na UFSCar, em que se discutiu a representação das crianças na iconografia e a reprodução de estereótipos da criança negra em publicidade, mormente representada como vítima da fome e da pobreza. O texto registra que as publicidades têm produzido uma expressão contraintuitiva, ao colocarem representantes de grupos estigmatizados em contextos de prestígio social e lugar de protagonismo. Sendo preciso avançar nesse sentido, já que, como apontam as autoras, poucas publicidades do setor de higiene e brinquedos são contraintuitivas, permanecendo o apelo em campanhas sociais que associam a pobreza e a fome à

imagem da criança negra. No segundo texto, Marisa Eugênia Meira aborda a temática da “Educação escolar, inclusão e medicalização” e alerta para a atenção que professoras(es) precisam ter com o fomento da medicalização. A autora define medicalização como o processo do cotidiano dos indivíduos que são deslocados, sem uma análise cuidadosa, para o campo médico. No campo da educação, essa abordagem tende a tratar dificuldades encontradas no processo de ensino como um problema individual, o que acaba por enfraquecer a luta pela qualidade da escola. Por fim, a autora reflete sobre quais aspectos das escolas tradicionais produzem a falta de atenção e concentração e as possibilidades de superar o modelo de educação bancária já denunciado por Paulo Freire. Esse assunto prossegue no terceiro texto, no qual Renata Garcia aborda a “Inclusão e medicalização: a experiência da rede municipal de ensino de São Paulo”, e inicia contextualizando a educação especial no Brasil baseada historicamente no modelo médico clínico, decorrendo daí a dificuldade de mudança no foco para um modelo educacional que repense estratégias, recursos adequados e objetive mudanças no meio social. Outra diferença entre esses dois modelos em destaque no artigo diz respeito aos aspectos avaliativos, enquanto o primeiro centra exclusivamente na “incapacidade” do indivíduo, o segundo busca as deficiências do meio e a capacidade para superá-las de acordo com a singularidade de cada sujeito. Por fim, a autora traz uma reflexão acerca da sua experiência na rede municipal de ensino de São Paulo como educadora há 22 anos e sistematiza a organização da política de educação especial, do atendimento e da prestação serviços na rede municipal de ensino desse estado. O quarto texto, “Educação Infantil, gênero e sexualidades: quanto o impossível torna-se verdadeiro”, da autora Carolina Alvarenga, descreve a experiência vivenciada por estudantes de Pedagogia e por professoras de Educação Infantil no Espaço do Brincar, no município de Lavras, Minas Gerais. O subprojeto, com foco nas temáticas de gênero e sexualidade, faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia da Faculdade Federal de Lavras. Alvarenga parte dos estudos de Daniela Finco para afirmar que meninos e meninas ainda não possuem o sexismo, da forma como é disseminado para a cultura adulta, portanto, na educação infantil, fala-se em “educação para as sexualidades”. Para a autora, a brincadeira tem um papel central na educação para as sexualidades e gênero. Por fim, ela relata a experiência com crianças de 1 a 5 anos e conclui que os currículos de educação infantil precisam estar preparados para lidar com os inusitados e os imprevistos. É preciso que temas como gênero e sexualidade estejam presentes, para que as diferenças não se transformem em desigualdades. O quinto texto, escrito por

Fernanda Roveri possui como título "Meninas boazinhas, meninos valentões: olhares, estranhamentos e possibilidades transgressoras aos espaços de educação infantil" e chama atenção para o quanto brinquedos e outros artigos de consumo são vinculados a uma carga de estereótipo do masculino e do feminino. O objetivo do texto é discutir a educação dos corpos na infância, tendo como foco o gênero. Para isso, a autora ressalta como brinquedos, roupas, desenhos e imagens são vendidos às crianças com clara distinção de gênero. E como se torna um compromisso de professoras(es) ampliar repertórios culturais, valorizando novos conhecimentos e abrindo o caminho para suas curiosidades e experiências. No sexto texto, "O quilombo na voz das crianças: o protagonismo infantil na construção da identidade quilombola", Maria Lúcia de Souza traz a realidade da cultura infantil de um grupo de crianças do Quilombo de Brotas (Itatiba/SP) em seus fazeres, brincadeiras, relação com a escola, com a comunidade e com o mundo. O sétimo texto, escrito por Edna Rossetto, versa sobre "A ciranda infantil no MST: sem-terrinha na luta pela terra", apresentando as concepções de educação que embasam o movimento social. A autora observa e explicita a voz de crianças que vivem no ambiente de luta social desde bem pequenas e ocupam seus espaços como protagonistas de uma educação para além do capital.

A obra também possui uma seção final escrita pelas organizadoras que trata de "Questões candentes na educação infantil: porque as crianças ainda são crianças". Esse texto traz dados sobre questões proeminentes da educação das crianças brasileiras. Primeiramente, as autoras traçam uma análise das condições materiais e das políticas públicas que sustentam as práticas na educação infantil ao olhar para a estruturação e concepção desses espaços que acolhem crianças de 0 a 5 anos. Além disso, utilizam dados quantificáveis para demonstrar a diferença de qualificação entre docentes das creches e das pré-escolas brasileiras, além de dados sobre a proporção desigual entre o número de crianças que têm idade e direito a frequentar a creche e o número de vagas ofertadas. Outro tema ratificado pelas autoras é a organização do espaço e do tempo na educação infantil, que devem ser gestados com a participação das crianças, em salas diversificadas em materiais e de fácil acesso pelas crianças. As autoras destacam a função social, política e pedagógica da educação infantil e rechaçam a estruturação do tempo centrado no conteúdo e no apostilamento, que inibem a experiência, a curiosidade emergente e a vida pulsante das crianças. Por fim, ressaltam o espaço da educação infantil, como lugar de disputas teóricas, mas também de conquistas históricas, de lutas por direitos e de gritos de vários feminismos. Encerram com as palavras de ordem: "nenhum direito a menos", "nenhum bebê em depósito".

Trazendo temas que vão desde a história da educação infantil até a formação de docente, sem deixar de incluir os recentes debates sobre a apropriação da teoria sócio-histórica no Brasil, assim como as contribuições da Geografia da infância e os pressupostos de Lóczy para as práticas com bebês, o livro pode interessar não somente a pedagogos/as e pesquisadores/as da educação infantil, como também a psicólogos, fonoaudiólogos e membros de outras áreas que têm interface com a educação. O livro também pode ser um material interessante tanto para a formação inicial, quanto para a formação em serviço nas redes municipais de educação, pela forma como os textos estão organizados e pela atualidade dos temas. Devido à amplitude da obra, ela pode ser destinada às famílias e outros interessados pelo tema da infância, das políticas educacionais, do cotidiano e da pesquisa, de modo mais amplo.

Escrito “a muitas mãos”, a defesa do direito das crianças a viverem suas infâncias de modo livre e curioso é assumida em todo o material, por meio da percepção de que hoje vivemos em um momento que resistir é a única possibilidade frente ao descompasso existente entre o avanço dos resultados das pesquisas apresentadas pelos autores e as políticas e práticas atuais.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm). Acesso em: 15 maio 2021.

SANTOS, Maria Walburga dos; TOMAZZETTI, Cleonice Maria; MELLO, Suely Amaral (org.). **Eu ainda sou criança: educação infantil e resistência**. São Carlos: EdUFSCAR, 2018.

## NOTAS

### EU AINDA SOU CRIANÇA: EDUCAÇÃO INFANTIL E RESISTÊNCIA

I am still a child: childhood education and resistance

#### **Anelise Monteiro do Nascimento**

Doutora em Educação - PUC-Rio  
Professora Adjunta do Departamento de Educação e Sociedade  
Instituto Multidisciplinar/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Departamento de Educação e Sociedade  
Nova Iguaçu, Brasil  
[anelise.ufrj@yahoo.com.br](mailto:anelise.ufrj@yahoo.com.br)  
 <https://orcid.org/0000-0003-4911-8301>

#### **Amanda Pontes Figueiredo**

Mestre em Educação - UFRRJ  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEduc  
Nova Iguaçu, Brasil  
[amandapfinfo@gmail.com](mailto:amandapfinfo@gmail.com)  
 <https://orcid.org/0000-0003-1443-6908>

#### **Welton da Conceição Lino**

Assistente Social - UERJ  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEduc  
Nova Iguaçu, Brasil  
[wleton.lino@gmail.com](mailto:wleton.lino@gmail.com)  
 <https://orcid.org/0000-0002-2074-9778>

### ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Avenida Governador Roberto Silveira, s/n - Posse, CEP 26221-010, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil.

### AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** Todos os autores contribuíram substancialmente.

**Coleta de dados:** Todos os autores contribuíram substancialmente.

**Análise de dados:** Todos os autores contribuíram substancialmente.

**Discussão dos resultados:** Todos os autores contribuíram substancialmente.

**Revisão e aprovação:** Todos os autores contribuíram substancialmente.

### CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Não se aplica.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

**LICENÇA DE USO** – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

**PUBLISHER** – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

**EDITORES** – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

**HISTÓRICO** – uso exclusivo da revista

Recebido em: 31-10-2021 – Aprovado em: 05-02-2022